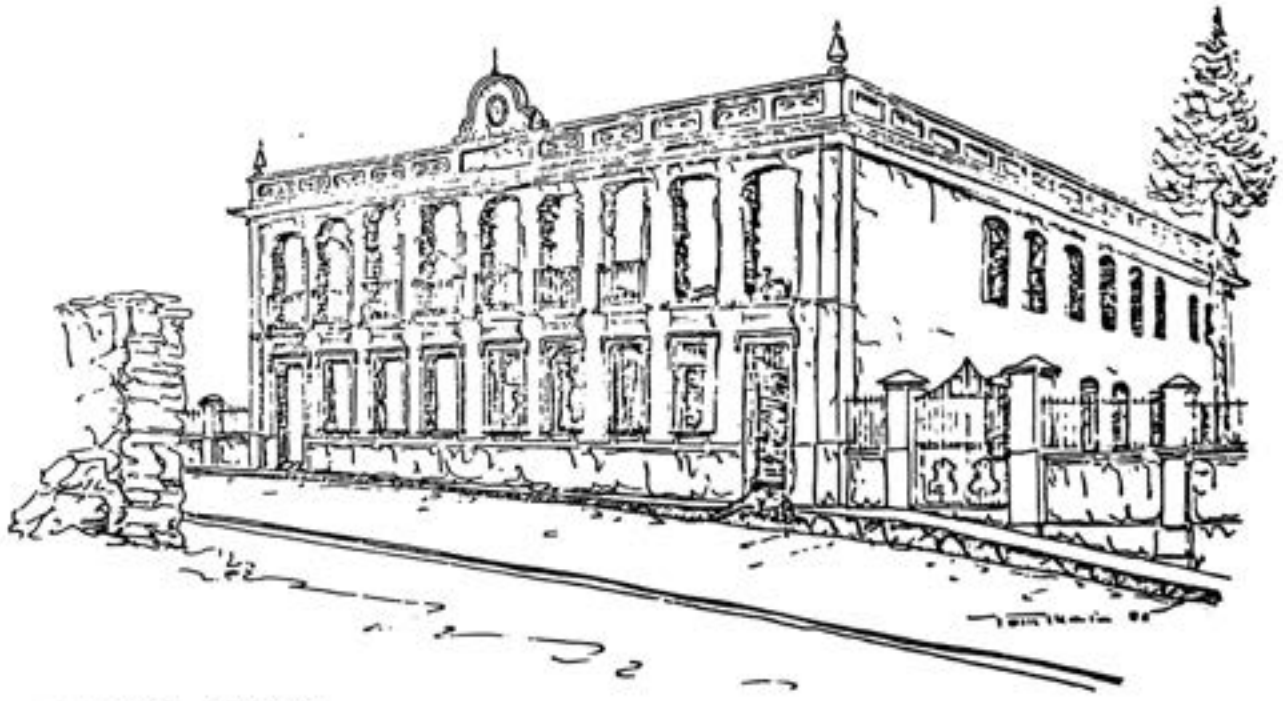
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
Praça Cons.Rodrigues Alves,48 - 2º andar - Tel.(0125)22-3674
ANO DE 1986

O INCÊNDIO DA ESCOLA NORMAL "70 ANOS"

No tópico "Dias que abalaram Guaratinguetá", Brito Broca em suas "Memórias" fala sobre o incêndio da Escola Normal: "O velho edifício ... estava sendo devorado pelo fogo. Moradores da vizinhança acudiram logo. Diziam que as chamas se estendiam com tal rapidez, como se as paredes estivessem impregnadas de uma substância inflamável... Durante o dia todo o prédio ardeu. Fui contemplá-lo várias vezes, assistindo à lenta transformação em ruínas do velho palácio do Visconde de Guaratinguetá".

Desde 18 de abril de 1904, a Escola Normal de Gua-



ratinguetá funcionava no antigo sobrado do Visconde, adaptado para tal fim por Euclides da Cunha. Na madrugada do dia 27 de julho de 1916, por volta das três horas, foi dado o alarme: havia um incêndio na Escola Normal.

Sobre as causas do incêndio correram muitas versões, algumas citadas por Brito Broca em suas "Memórias" e por Thereza Regina de C. Maia em "Setenta e cinco anos de tradição e Cultura". Antes do incêndio já se falava que o prédio era mal-assombrado pois, tendo a filha do Visconde, Maria Augusta, falecido na Europa com 26 anos, seu cadáver embalsamado e em um caixão de tampa de cristal, vindo da França, ficara exposto em um dos salões do palacete do pai, e que, segundo uns, teria ficado ali guardado até que chegasse o demorado mausoléu em mármore, e, para outros, a mãe não permitia o enterramento do cadáver da filha, conservando-o em casa, numa espécie de expiação por ter sido a filha forçada a ir para a França devido a uma forte paixão por um dos escravos que morava na senzala da chácara do Visconde e que ficava próxima ao Ribeirão dos Motas; quando da desapropriação do palacete para que nele funcionasse a Escola Normal, teria então sido providenciado o sepultamento (1). Agora, Maria Augusta, que perambulava em vestido de tafetá pelos cômodos da Escola, à noite, vingara-se, incendiando-a. Também corria à "boca pequena", o boato de que tinha sido a "mão negra", uma sociedade secreta, que teria provocado o incêndio por motivos políticos. Para outros, algum aluno reprovado ou que possivelmente seria reprovado no fim do ano, procurara, com o incêndio, eliminar as cadernetas dos professores com suas notas (2).Ainda hoje há quem afirme que o incêndio foi propositadamente provocado pelas próprias autoridades municipais para, assim,

Paulo Cândido do Nascimento, testemunha e um dos primeiros a ver o incêndio e correr para o local, o laudo pericial conclui que o fogo foi provocado por um cigarro ou fósforo aceso, iniciando-se na biblioteca ou suas imediações, e que se localizava na parte da frente superior do prédio. O Diretor, que morava em frente à Escola, afirma mesmo "que o fogo lavrava na parte superior, nos fundos, e esquerda", portanto, na ala que ficava para os lados da atual Rua Dr. Lamartine (3). O laudo descarta outras possibilidades como causa natural, curto-circuito, acidente com iluminação a álcool, petróleo ou vela, explosão no laboratório de química ou incêndio proposital ou que existissem no prédio sinais de que alguém tivesse arrombado o prédio e nele penetrado, embora, pelas fotografias constantes do processo, quase que sobraram apenas as paredes do prédio.

Entretanto, no dia 16 de agosto de 1916, era autuado em inquérito policial, José Benedicto de Moreira Cesar, preso em Aparecida por furto de galinhas. Com 24 anos de idade, natural de Rezende, sem profissão e residência, analfabeto, o indiciado, que declarou ter sido criado em Pindamonhangaba e depois ter trabalhado em São Paulo e outras cidades e voltando a São Paulo assentado praça na 3ª Companhia da Força Pública, da qual foi expulso por mau comportamento em setembro de 1915, e de ter novamente trabalhado em várias cidades, viera para Guaratinguetá, onde trabalhava com transporte de café em carroça, disse ter participado de furtos na Escola Normal, num dos quais aconteceu o incêndio.

José Benedicto de Moreira Cesar diz ter-se encontrado com seu antigo companheiro João Augusto Ferreira, natural de Lorena, que conhecera nos trabalhos de construção da E.F.Noroeste em Bauru e, mais tarde seu companheiro de prisão na 3ª Companhia da qual também fora expulso, e que, na Rua da Estação o convidou para um encontro onde se combinaria um "trabalhinho" para depois de 10 horas da noite e que esse "trabalhinho" seria um furto na Escola Normal o qual se realizou antes do dia 26 de julho e que é confirmado pelos depoimentos anteriores das pessoas ouvidas no dia do incêndio. Nessa noite, não determinada nos autos, foi roubada uma caixa de madeira do laboratório de ciências e que continha pedras sem valor. Talvez os ladrões pensassem que nela haveria pedras preciosas. José Benedicto não viu seu conteúdo e nem recebeu qualquer recompensa por seu trabalho de vigilância enquanto os demais penetravam na Escola pela parte lateral da Rua Ypiranga, mais para os fundos.

Para a noite de 26 de julho foi combinado novo assalto à Escola Normal, por iniciativa de João Augusto Ferreira, e José Benedicto, esperençoso de, agora, receber alguma parte do furto, aquiesceu e, conforme o acertado entre eles, encontrou-se com seus companheiros, perto da meia noite, nas proximidades da Escola. Diz que "a mando de João Augusto, ficou no jardim que fica ao lado direito do edifício, com ordem também de dali não se mexer, não fazer barulho e dar sinal, caso aparecesse alguém; que João Augusto e os seus companheiros, chegaram até o primeiro pilar que suporta uma cobertura, atrás do edifício, e uma vez ali, acenderam uma lâmpada, não sabe dizer se a carbureto, querosene, álcool ou outro qualquer inflamável, que entretanto dava uma luz azul clara, e prenderam-na na cobertura referida; que não tendo ouvido barulho algum de arrombamento, o declarante pensou que eles entraram no edifício da Escola, pela cobertura ou galpão referido; como a noite estava muito fria e garoenta, não pôde ficar quieto, e talvez fez um barulho qualquer ao andar, por isso João Augusto Ferreira e seus companheiros, saíram precipitadamente, e se zangaram com o declarante chegando a darem-lhe um empurrão, dizendo-lhe ele declarante não prestava para nada; desta vez, não viu qualquer dos indivíduos referidos trazer objeto algum, assim como não os viu com a lanterna de que estavam munidos". E todos saíram a correr e João Benedicto foi dormir em casa de uma preta na Rua da Figueira e, passado algum tempo, ouviu correrias na rua e soube que a Escola Normal estava pegando fogo e foi assistir ao salvamento de muitos objetos como um piano e um esqueleto humano.

O galpão citado ficava atrás do prédio e destinava-se

ao recreio e era facilmente escalado desde a rua e do mesmo se atingia uma área aberta do interior do edifício na parte superior, conforme a planta anexa ao inquérito e testemunho do Profº Júlio Costa em juízo. Em juízo, o já então réu afirma que tentou pular o gradil do jardim por ter ficado com medo e que "atribui o incêndio a teram seus companheiros deixado no interior do edifício a lanterna com que nele haviam penetrado..." (4).

. Em sua decisão mandando os autos do processo ao julgamento do júri, o juiz, resumindo os fatos, concluiu que os assaltantes teriam notado "um certo ruído partido das imediações do laboratório em que se encontravam e o qual pensaram ter sido provocado pelo aparecimento ou vinda de pessoas... Este incidente alarmou os assaltantes, que abandonaram atropeladamente o interior do edifício, onde deixaram cair uma lâmpada... e a qual, entornando, derramou o líquido conteúdo a que a chama se comunicou, causando o incêndio de todo o prédio".

Por 8 votos a 4 contrários ao réu em 9 dos 10 quesitos propostos pelo juiz ao júri formado por 12 pessoas, ele foi condenado como cúmplice na tentativa de furto da Escola Normal e, com as atenuantes reconhecidas pelos 12 membros do júri (estar levemente embriagado), foi ele condenado a 1 ano, 8 meses e dias de prisão, confirmada a sentença pelo Tribunal de Justiça em apelação julgada a 28/05/1917. E como alegava o Secretário de Justiça e Segurança, não havendo lugar na penitenciária estadual, não pôde o réu ser removido para ela. Deve ter cumprido sua pena por aqui mesmo (5).

Enquanto não se construia um novo prédio, a Escola Normal funcionou no edifício do G.E. "Dr. Flamínio Lessa", re

cém-construído.

No lugar da antiga Escola, foi construído o atual prédio onde funciona a E.E.P.S.G. "Conselheiro Rodrigues Alves", ainda hoje, segundo muitos, visitada por fantasmas vários, com ruídos de baldes que rolam escada abaixo, perfumes estranhos e deliciosos, tosses, belas músicas executadas ao piano, torneiras que se abrem à noite (quando a filha do Visconde vem beber água) etc...

O fogo não destruiu a imaginação popular, parece tê la acendido ainda mais.

Guaratinguetá, julho de 1986

Benedito Dubsky Coupé

Notas:

1) Nos arquivos do Cemitério dos Passos não encontramos documentação relativa ao suposto sepultamento de Maria Augusta em 1903 ou 1904.

2) As cadernetas dos professores foram salvas pelo Prof. Marques Guimarães. Segundo Brito Broca, este professor também teria salvado a Bandeira Nacional, o que não consta dos autos.

3) O prédio, na época, tinha três alas: a da frente, que dava para a rua Visconde, a ala direita que dava para a atual rua Dr. Lamartine e que se chamava Ypiranga e que, no processo aparece às vezes como ala esquerda

ou ala direita, e ala do lado leste, dando para o Ribeirão dos Motas.

4) Nas declarações do réu e na conclusão do Juiz de Direito apenas atualizamos a ortografia.

5) Dos envolvidos no assalto à Escola Normal, apenas José Benedicto de Moreira Cesar foi preso e condenado. João Augusto Ferreira foi identificado, porém não foi preso. Quanto aos demais não se ficou sabendo nem mesmo dos nomes.

Fontes principais:

- Autos do Processo contra J. Benedicto de Moreira Cesar.

-"Memórias"de Brito Broca

- Revista Comemorativa dos 75 anos da E.E.P.S.G. "Conselheiro Rodrigues Alves".

O desenho que ilustra a primeira página foi baseado numa fotografia tirada pela Polícia Técnica de São Paulo e que consta do laudo pericial anexado ao primeiro inquérito policial e mostra como ficou o prédio após o incêndio.